

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS AGRICULTORES FAMILIARES E O USO
DOS RECURSOS NATURAIS DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS –
SEMIÁRIDO BAIANO**

Bismarque Lopes Pinto

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Especialista em Geografia Física pela Universidade Cândido Mendes – UCAM. Especialista em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano. Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

bismarque.lopes93@gmail.com

Gabriel Matos Lima

Mestre em Modelagem em Ciências da Terra e do Meio Ambiente, Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

gmatos.geografo@gmail.com

Juliana Araújo Santos

Mestre em Modelagem em Ciências da Terra e do Meio Ambiente e Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

juliana_uefs23@hotmail.com

Marcos Paulo Souza Novais

Doutorando em Geografia Física pela Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

marpano@gmail.com

RESUMO

A percepção sobre o meio no qual se produz torna-se fundamental para a compreensão acerca do desenvolvimento de tais práticas agrícolas, pois os usos dos recursos naturais tendem a seguir a lógica da percepção do objeto do qual se tem contato imediato. Objetivou-se nessa pesquisa compreender a percepção ambiental de agricultores familiares do município de São Domingos/BA e sua influência nas intervenções agrícolas por eles desenvolvidas, bem como a inserção de técnicas agroecológicas trazidas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar de São Domingos (SINTRAF-SD) nas propriedades agrícolas onde há a presença da agricultura familiar. A pesquisa está pautada nos seguintes procedimentos metodológicos: I) Revisão de Literatura sobre os principais temas abordados no estudo; II) Coleta de dados sobre a organização estrutural dos projetos executados pelo SINTRAF-SD para os agricultores familiares; III) Entrevista Estruturada junto ao presidente do SINTRAF-SD; IV) Entrevista Estruturada com 10 representantes de 10 grupos familiares os quais se classificam enquanto agricultores familiares. A percepção ambiental dos agricultores familiares vem passando por uma mudança de paradigma consistente, tendo em vista que as antigas práticas exercidas por eles ou pelos seus antecedentes não são consideradas práticas sustentáveis sob o ponto de vista ambiental que, por sua vez, os levaram a uma gradativa mudança nos modos de perceber o sistema ambiental e como suas ações estavam degradando a natureza em geral.

Palavras-Chave: Agricultura Familiar; Percepção; Natureza.

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

PERCEPTION ENVIRONMENTAL FAMILY FARMERS AND THE USE OF NATURAL RESOURCES OF SÃO DOMINGOS CITY - SEMIARID BAIANO

ABSTRACT

The perception of the environment in which it produces is fundamental to understanding the development of agricultural practices such as the use of natural resources tend to follow the logic of the perception of the object which has immediate contact. The objective was to this research to understand the environmental awareness of farmers in the municipality of São Domingos / BA and its influence on agricultural interventions they developed, as well as the inclusion of agroecological techniques brought by the Union of Rural Workers of Family Agriculture of São Domingos (SINTRAF -SD) on farms where there is the presence of family farming. The research is guided in the following methodological procedures: I) Review of Literature on the main issues addressed in the study; II) Data collection on the structural organization of the projects executed by SINTRAF-SD for family farmers; III) Structured Interview with President of SINTRAF-SD; IV) Structured Interview with 10 representatives from 10 family groups which are classified as family farmers. Environmental awareness of farmers has undergone a change of consistent paradigm, given that the old practices exercised by them or by their background sustainable practices are not considered from an environmental point of view that, in turn, led to a gradual change in the ways of perceiving the environmental system and how their actions were degrading nature in general.

Keywords: Family Farming; Perception; Nature.

PERCEPCIÓN AMBIENTAL DE LOS AGRICULTORES FAMILIARES Y EL USO DE LOS RECURSOS NATURALES DE LA CIUDAD DE SANTO DOMINGO - SEMIÁRIDO BAIANO

RESUMEN

La percepción del medio ambiente en el que se produce es fundamental para comprender el desarrollo de las prácticas agrícolas tales como el uso de los recursos naturales tienden a seguir la lógica de la percepción del objeto que tiene contacto inmediato. El objetivo era esta investigación para comprender la conciencia medioambiental de los agricultores en el municipio de Santo Domingos / BA y su influencia en las intervenciones agrícolas que desarrollaron, así como la inclusión de técnicas agroecológicas interpuesto por la Unión de Trabajadores del Campo de la Agricultura Familiar de Santo Domingo (SINTRAF del SD) en la propiedad donde existe la presencia de la agricultura familiar. La investigación se guía en los siguientes procedimientos metodológicos: I) Revisión de bibliografía sobre los principales temas abordados en el estudio; colección II) Los datos sobre la organización estructural de los proyectos ejecutados por SINTRAF-SD para la agricultura familiar; III) entrevista estructurada con el presidente de SINTRAF-SD; IV) Entrevista estructurada con 10 representantes de grupos de 10 familias que se clasifican como agricultores familiares. La conciencia ambiental de los agricultores ha sufrido un cambio de paradigma coherente, dado que las viejas prácticas ejercidas por ellos o por sus prácticas sostenibles por su vez no se consideran desde el punto de vista del medio ambiente que, a su vez, dio lugar a una cambio gradual en las formas de percibir el sistema ambiental y de cómo sus acciones fueron degradando la naturaleza en general.

Palabras Clave: Agricultura Familiar; La Percepción; La Naturaleza.

INTRODUÇÃO

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

Durante o processo histórico de desenvolvimento da sociedade, as atividades agrícolas e pecuárias transformaram-se, no que se refere às suas técnicas, visando otimizar os espaços ambientais e, em contrapartida, aumentar a produtividade. Nos dias atuais, busca-se, sobretudo em núcleos de agricultura familiar, aliar a necessidade da produção dos alimentos ao cuidado ambiental, de modo que os impactos causados à natureza pelas atividades agropecuárias sejam minimizados. De modo a contrapor a lógica do agronegócio, que ganha cada vez mais força no Brasil, a agricultura familiar desempenha um papel fundamental como via alternativa para uma produção agrícola sustentável (VEIGA, 1996).

A percepção sobre o meio no qual se produz torna-se fundamental para a compreensão acerca do desenvolvimento de tais práticas agrícolas, pois os usos dos recursos naturais tendem a seguir a lógica da percepção do objeto do qual se tem contato imediato. Mediante esse contexto, cabem as seguintes indagações: I) Os agricultores familiares de São Domingos possuem uma percepção ambiental atrelada às suas práticas agrícolas? II) Os agricultores familiares de São Domingos realizam atividades sustentáveis tendo como princípio a sua percepção do ambiente?

Objetivou-se nessa pesquisa compreender a percepção ambiental de agricultores familiares do município de São Domingos/BA e sua influência nas intervenções agrícolas por eles desenvolvidas, bem como a inserção de técnicas agroecológicas trazidas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar de São Domingos (SINTRAF-SD) nas propriedades agrícolas onde há a presença da agricultura familiar.

METODOLOGIA

A sede do município de São Domingos (Figura 01) localiza-se nos paralelos 11°27'56" de Latitude Sul e meridiano 39°31'34" de Longitude Oeste e está inserida dentro do domínio morfoclimático do semiárido brasileiro. O município está incluso no Território de Identidade do Sisal, na Bahia (SEI, 2015).

São Domingos é emancipado desde o ano de 1989 devido à necessidade da população local de desmembrar-se do município de Valente, da qual o município em questão era um povoado. Sua relação com o atual Território de Identidade do Sisal está vinculada à história agrícola do município, pois desde o período em que ainda não era um município consolidado mantinha uma forte produção do Sisal (IBGE, 2015).

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

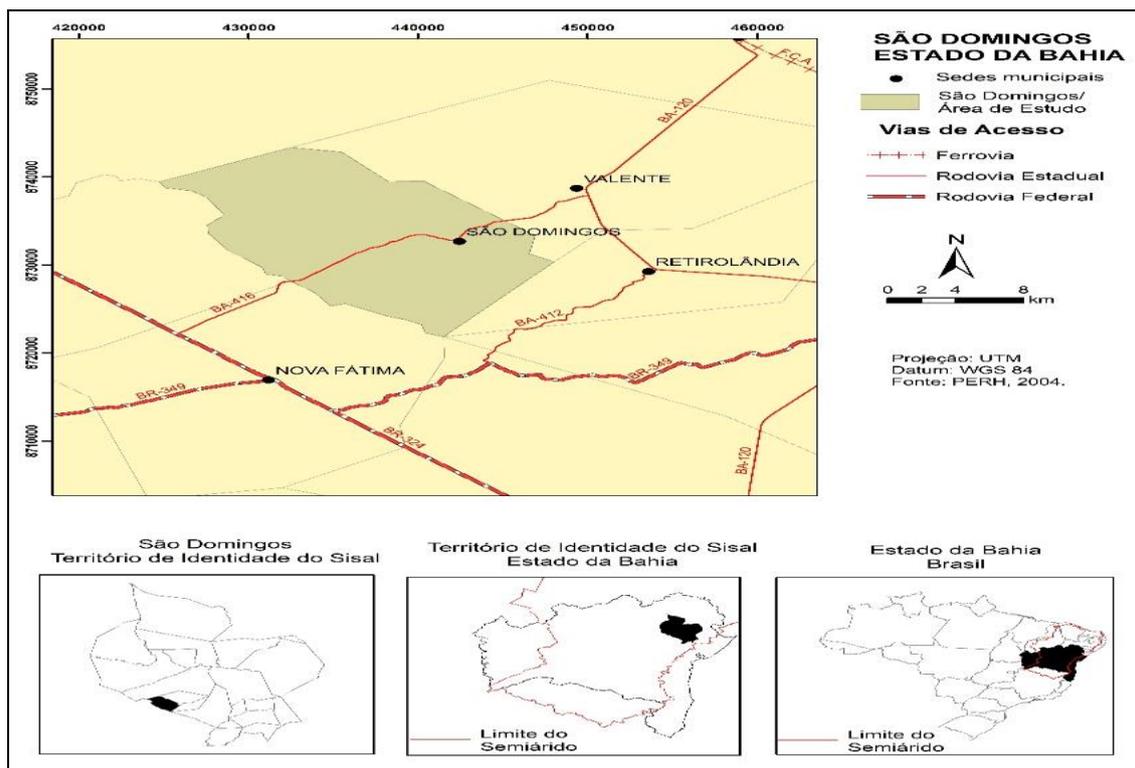


Figura 01 – Mapa de localização do município de São Domingos – BA
Fonte: PERH, 2004. Elaboração: Bismarque Lopes Pinto, 2016.

A partir do levantamento dos dados obtidos pelo Censo Agropecuário de 2004-2014 (IBGE, 2015), observa-se que o município ainda possui uma forte ligação com a produção do *Agave sisalana* (Sisal)¹, tendo uma média anual de produção próxima a 5,673 toneladas (IBGE, 2015). No eixo das lavouras temporárias, o IBGE (2015) classificou apenas quatro tipos de produção, tais como: Batata-Doce (4,7 toneladas/média-anual), Milho (36,3 toneladas/média-anual), Feijão (44 toneladas/média-anual) e Mandioca (1.005 toneladas/média-anual), (IBGE, 2015).

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar de São Domingos (SINTRAF-SD), estima-se que no município há cerca de 400 agricultores familiares, chegando ao número de 80 grupos familiares de uma média de cinco membros por família.

A pesquisa está pautada nos seguintes procedimentos metodológicos: I) Revisão de Literatura sobre os principais temas abordados no estudo; II) Coleta de dados sobre a organização estrutural dos projetos executados pelo SINTRAF-SD para os agricultores familiares; III) Entrevista Estruturada junto ao presidente do SINTRAF-SD; IV) Entrevista Estruturada com 10 representantes de 10 grupos familiares os quais se classificam enquanto agricultores familiares.

¹ O *Agave Sisalana* é uma das plantas da família do *Agave*. O objetivo maior do cultivo é a extração da fibra da planta para a produção de cordas, tapetes, etc.

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

Nesse segmento, o estudo adota a concepção de entrevista estruturada de Lakatos (2010, p. 180), uma vez que “[...] é aquela que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido [...] e é efetuada de preferência por pessoas selecionadas de acordo com um plano”. Desse modo, foi feita a escolha dos 10 grupos familiares que foram atendidos pelos projetos desenvolvidos pelo SINTRAF-SD.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E AGRICULTURA FAMILIAR

O aprofundamento da visão do ambiente se faz na medida em que se aprofundam os sensores naturais e se possibilita utilizar de tal ótica para a vivência nos sistemas ambientais. Palma (2005) introduz a temática da percepção como o início de toda e qualquer interação entre os seres humanos com a natureza. Sob esse ponto de partida, Oliveira e Machado (2010) enfatizam que:

[...] para a corrente empirista, o espaço visual é algo aprendido, e a percepção é inferida a partir da experiência, do contato com os objetos. Enquanto para a corrente inatista o espaço visual é intuído, e a percepção é inata, reside no próprio sujeito [...] a percepção é o conhecimento que adquirimos através do contato atual, direto e imediato com os objetos e com os seus movimentos, dentro do campo sensorial [...] (OLIVEIRA; MACHADO, 2010, p. 131).

Corroborando com a ideia exposta pelas autoras, a percepção pode ser entendida sob diversas correntes e tomando rumos específicos. Tanto a empirista, que é a corrente a qual atribuía a percepção como algo construído através da experiência, como a inatista, que induz o movimento perceptivo como algo inato ao ser humano, devem ser consideradas, pois na medida em que as pessoas precisam viver em sociedade e utilizar os recursos naturais para a sobrevivência, necessitam automaticamente de estabelecer uma ótica perceptiva do ambiente para, a partir daí, usufruir dos seus recursos. Mas, para que isso ocorra se faz necessário desenvolver uma concepção sobre o que está em sua volta.

Para Okamoto (1996), a percepção está atrelada ao estímulo que o ser humano obtém mediante a consciência da existência do objeto. Nesse sentido, percepção e consciência tomam para si o único papel em materializar um produto final, ou seja, o comportamento humano.

A percepção pode ser julgada como algo seletivo que está vulnerável a uma série de quesitos como os significados, as memórias e as experiências vividas pelo sujeito sobre aquele objeto. Com isso, busca-se a ideia da ação perceptiva como uma espécie de mapeamento que perpassa por uma série de julgamentos pré-estabelecidos pelo sujeito

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

condutor da percepção (OLIVEIRA; MACHADO, 2010). Desse modo, Marin (2008) enfatiza que os estudos da percepção devem ir à:

[...] gênese da existência e descrever os múltiplos modos de vida reveladora do real sentido de inserção do ser humano no seu ambiente. É somente na redescoberta desses modos de viver e de se relacionar com a natureza, o lugar habitado e a coletividade que se pode ancorar uma postura sensível e pró-ativa e uma discursividade enraizada, crítica, capaz de gerar o comprometimento das pessoas [...] (MARIN, 2008, p. 216-217).

Observa-se que a percepção não é a simples assimilação entre o olhar do sujeito para o objeto, mas sim, um conjunto complexo de redescoberta de produção e de vivência com a natureza, pois a ação perceptiva possibilita ao homem o desenvolvimento de comportamentos, estimulando assim, a coletividade e a própria formação do sujeito. Atrelado a esse olhar perceptivo para o ambiente, o arranjo da agricultura familiar integra-se a essas questões perceptivas como uma nova frente de produção agrícola capaz de unir a necessidade do consumo, manejos sustentáveis e a vivência construída através da percepção do agricultor.

Para entender a dinâmica em torno da ideia de agricultura familiar, faz-se necessário entender que o próprio universo agrário se dá naturalmente de forma desigual e complexa. É perceptível que o meio físico carrega consigo arranjos sistêmicos diferenciados, potencialidades e limitações que induzem diretamente nos modos de produção familiares, variando assim, de região para região, de espaço para espaço (INCRA/FAO, 2000).

Nesse contexto ambiental, a agricultura familiar pode se manifestar de diferentes formas, apresentando peculiaridades dependentes de uma série de fatores, pois, assim como ressalta Buainain et al. (2003, p. 321), “a agricultura familiar é um universo profundamente heterogêneo, seja em termos de disponibilidade de recursos, acesso ao mercado, capacidade de geração de renda e acumulação. Esta diversidade é também regional”.

A agricultura familiar é marcada por ações reivindicatórias, dentre elas, o grito da terra, as quais buscaram conquistas importantes para o movimento sindicalista rural, pois é só a partir da década de 1990 que o termo supracitado começa a ser amplamente difundido no Brasil, e com ele, algumas políticas começam a ser implantadas no espaço agrário como forma de atender a uma série de demandas dos pequenos agricultores (SCHNEIDER, 2003). Para Jones e Bressan (2000):

[...] a agricultura fundada na utilização de mão de obra familiar reúne, genericamente, as condições materiais necessárias ao seu amplo e pleno

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

desenvolvimento nas condições de reprodução do mundo contemporâneo. Ou seja, dada as possibilidades científicas, técnicas e organizacionais existentes no mundo atual, há, efetivamente, a possibilidade, também na produção agropecuária, do processo de produção imediata ser plenamente realizado pela família produtora, sem implicar perdas produtivas ou eficientes (JONES; BRESSAN, 2000, p. 42).

Em sintonia com os autores, faz-se necessário pensar em uma agricultura familiar atrelada a uma agricultura pautada em condições estruturais viáveis para se desenvolver um modo de produção eficaz e positivo. Para a concretização de tal idealização, a agricultura familiar experimenta em sua construção histórica o surgimento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), no ano de 1996, o qual visa garantir a sustentabilidade agrícola, o crédito financeiro, bem como o auxílio técnico para o agricultor familiar. (SCHNEIDER, 2003). Porém, para Buainain et al. (2003), o problema da agricultura familiar está atrelado à:

[...] má distribuição da propriedade da terra é o traço mais marcante e, ao mesmo tempo, a principal distorção da estruturação fundiária no Brasil. Entre os agricultores familiares, um número significativo é proprietário de um lote menor que 5 ha, tamanho que, na maior parte do país, dificulta, senão inviabiliza, a exploração sustentável dos estabelecimentos agropecuários [...] (BUAINAIN et al., 2003, p. 322).

No contexto do Semiárido brasileiro, a apropriação desigual das terras e a ressignificação dos recursos naturais, tais como a preservação da caatinga e a ressignificação da ideia de “convivência com a seca”, trazem para o agricultor familiar novas possibilidades de apropriação e produção no âmbito do semiárido (CARVALHO, 2009).

Em síntese, dentre os motivos que estimulam a agricultura familiar em seu desenvolvimento estão a aplicação de políticas públicas, bem como a construção perceptiva de novos olhares sobre a natureza, pois compreendendo como funcionam os sistemas ambientais e articulando esse conhecimento com as políticas públicas, a agricultura familiar se fortalece a cada dia de modo mais sustentável e rentável financeiramente.

AGROECOLOGIA: um caminho possível para sustentabilidade na agricultura

Sob essa perspectiva, a Agroecologia inicia sua lógica de produção de modo divergente ao que é pensado nos moldes capitalistas. Nela, a agricultura pauta-se no diálogo entre ciência, técnica e saberes construídos historicamente por indígenas e comunidades tradicionais, pois é fundamental para a agroecologia o equilíbrio socioambiental (LEFF, 2002). Desse modo, conceitualmente, Leff (2002) enfatiza que:

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

Os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população [...] A Agroecologia, como reação aos modelos agrícolas depredadores, se configura através de um novo campo de saberes práticos para uma agricultura mais sustentável, orientada ao bem comum e ao equilíbrio ecológico do planeta, e como uma ferramenta para a autosustentância e a segurança alimentar das comunidades rurais (LEFF, 2002, p. 37).

De fato, a agroecologia visa à união interdisciplinar dos saberes, ressaltando também a subjetividade de cada sujeito, bem como a diferenciação geográfica de cada espaço. Em contrapartida, o movimento agroecológico provoca a mudança da lógica desenvolvimentista depredadora instalada pelo agronegócio.

Para Guzmán (2001), o saber agroecológico visa o desenvolvimento interno de cada sujeito e/ou comunidade, atrelado à própria conservação da natureza, pois fica inviável conceber o desenvolvimento agrícola de um determinado local sem a manutenção saudável dos sistemas ambientais.

Almeida (2002) enfatiza que a agroecologia sustenta, ao longo de seu percurso de formação, dois elementos base, tais como a Agricultura Familiar e o Desenvolvimento Sustentável. Esses dois elementos têm a sua gênese ideológica ligada diretamente ao saber agroecológico, pois quando se alia a esses dois elementos a agroecologia, a ideia de produção agrícola ganha uma nova roupagem, fundamentada na criação de novas tecnologias que equilibrem a relação sociedade e natureza, na formação da ideia de desenvolvimento sustentável que favoreçam ambas as partes.

Nesse sentido, é válido afirmar que para a construção de uma agroecologia responsável, é necessário repensar e reconstruir as concepções básicas de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável de modo a “[...] buscar a superação de um modelo agroquímico e de monoculturas, que já se mostrou excludente e sócio-ambientalmente inadequado [...]” (CAPORAL, 2009, p. 25).

Portando, pensar em manejos agroecológicos não significa solucionar todos os problemas atribuídos à agricultura, mas sim, retornar a ideia de uma agricultura futurista pautada na ecologia, ou seja, propor um sistema produtivo que afaste a produção conservacionista, de modo a imperar uma agricultura saudável para a comunidade e para o ambiente, provocando uma tomada de consciência e ressignificação nas formas de uso dos recursos naturais, entendendo os mesmos como bens finitos e que merecem um cuidado especial para prevenir um colapso nos sistemas ambientais vigentes (CAPORAL E COSTABEBER, 2002).

SINTRAF-SD: a coletividade como princípio precursor no desenvolvimento sustentável

O Desenvolvimento Sustentável busca criar novos caminhos capazes de firmar um compromisso com o crescimento econômico-social objetivando a qualidade ambiental. Desse modo, é visível a necessidade da construção de um modelo social de produção agrícola pautado no respeito e conservação ambiental (CAMARGO, 2003).

Para buscar o desenvolvimento endógeno em uma escala local para uma dada comunidade, na perspectiva de Santos et al. (2011), é necessário que se estabeleça o fortalecimento dos grupos locais e que eles desenvolvam a autonomia de materializar suas necessidades e ressignificar o uso dos recursos naturais existentes que estão à disposição. Trilhando esse caminho, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar de São Domingos (SINTRAF-SD) se constitui como uma entidade que tem como objetivo maior fortalecer as ações designadas à agricultura familiar no município, bem como ampliar a estratégia de produção, na busca do desenvolvimento no âmbito das esferas econômica, social, ambiental, cultural e política. Nesse sentido, o primeiro olhar sobre a natureza nos diz muito sobre qual concepção de Agricultura familiar o SINTRAF-SD está construindo. Para o atual Presidente da entidade:

“Eu enxergo o meio ambiente como uma coisa que a gente tem que tentar preservar o máximo que a gente puder, apesar de estar muito degradado, mas a gente tem que tentar preservar o que ainda resta, porque a gente sabe que nós estamos em uma região semiárida e se a gente não tomar uma iniciativa, corre o risco de nosso semiárido virar deserto, porque o solo está ficando muito desprotegido por conta de algumas ações inadequadas feita pelo homem. Por isso que hoje enquanto entidade sindicalista, nós temos trabalhado nessa visão do agricultor tentar produzir e preservar ao mesmo tempo” (Narrativa do presidente da SINTRAF-SD, 2015).

A partir dessa primeira visão de meio ambiente trazida pelo presidente do SINTRAF-SD, fica perceptível que a natureza não é encarada como um objeto de dominação, mas sim, como algo vivo e dinâmico que precisa ser cuidado, pois a própria ideia de “deserto” introduzida na narrativa já expõe um novo problema que vem atingindo os solos do semiárido, que é o fenômeno da desertificação.

O próprio conceito de degradação já é bastante complexo, paralelo a isso a própria definição de desertificação acaba ficando ambígua. Sob o viés geográfico, a Desertificação é entendida como a desestabilização do ambiente provocando a perda de sua capacidade de reconstituição natural (resiliência). Mas, para compreender essa perda da resiliência se faz

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

necessário entender a própria dinâmica natural do local, bem como as atividades sociais que ali foram instaladas ao longo do processo histórico (MATALLO JUNIOR, 2001).

Por décadas, o conceito foi amplamente discutido até chegar a uma ideia comum a todos, a qual foi disposta nas discussões da ECO-92 e documentada no capítulo 12.2 da Agenda 21. Assim, a desertificação passa a ser entendida como “a degradação das terras nas regiões áridas, semiáridas e subúmidas, resultantes de vários fatores, entre eles as variações climáticas e as atividades humanas” (BRASIL, 2004, p. 104).

Apesar da analogia dos nomes “deserto” e “desertificação”, ambos possuem significados diferentes, porém analisando o discurso do presidente da SINTRAF-SD, observa-se que, para além da palavra deserto a qual foi citada, nota-se o próprio conceito de desertificação, uma vez que fica visível o cuidado em conservar o solo, para que não ocorra o fenômeno de “deserto” na área, o que seria a ideia de improdutividade ou desertificação, que, por sua vez, nada associa-se ao conceito de deserto.

O reconhecimento do erro é algo pertinente na narrativa do presidente, tendo em vista que a exploração das atividades agropecuárias sem nenhum planejamento ambiental dificulta a evolução de uma agricultura familiar sustentável, provocando assim, possíveis cenários de desertificação no município.

A captação e armazenamento da água da chuva em ambiente semiárido é algo que vem sendo discutido com maior intensidade nos últimos anos, tendo em vista que o recurso hídrico é o fator principal para o desenvolvimento de qualquer manejo agrícola. Sobre o uso e manejo da água, foi enfatizado pelo presidente da SINTRAF-SD que:

“[...] Tem duas formas hoje que a gente sempre vem trabalhando, por exemplo, na política de crédito rural, inclusive a própria política de crédito que o Banco do Nordeste trabalhava. Se o agricultor colocar 50 por cento do valor da proposta na linha verde para recursos hídricos, ele não precisa de avalista e nem de hipoteca para acessar esse crédito, então assim, é uma das políticas que a gente tem, e naturalmente essa política de crédito já vem trabalhando essa política de recursos hídricos e uma outra situação é criação de reservatório de água tanto para o consumo humano quanto para o consumo animal e para a agricultura. Nós temos parcerias, no momento está sendo executado uma programa de cisterna de consumo humano onde o recurso vem do governo federal, o gestor desse recurso é o CONSISAL que é o nosso guia nessas atividades e quem participa também é a FATRES que é um órgão que apoia a agricultura familiar, onde nós somos filiados, ou seja, é nosso polo sindical do território do sisal. [...]” (Narrativa do presidente da SINTRAF-SD, 2015).

Para o desenvolvimento de qualquer atividade agrícola se faz necessário o uso racional da água bem como seu armazenamento eficaz. As atividades de coleta e armazenamento promovidas pelo sindicato indicam uma nova reestruturação do olhar sobre a dinâmica ambiental do semiárido tendo em vista que aceitar o fato de armazenar a

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

água para uso futuro significa que já há uma ideia sistematizada da dinâmica pluviométrica regional e que se deve criar modos de convivência e não de combate, como é o caso da seca que acaba influenciando a mudança no padrão de captação e consumo da água.

Santos et al. (2011) aponta que uma das barreiras para o desenvolvimento local é a falta de investimento do governo, o que não deixa de ter a sua veracidade. Contudo, nos últimos anos, com o surgimento da Fundação de Apoio aos Trabalhadores Rurais da Região do Sisal (FATRES), em 1995, e com a criação do Consórcio Público de Desenvolvimento Sustentável do Território do Sisal, em 2010, as atividades voltadas para a agricultura no semiárido ganharam esse aparato do governo através de recursos financeiros específicos.

Como citado pelo presidente, essas entidades visam o desenvolvimento rural na região semiárida tendo como base a sustentabilidade e o convívio com as características heterogêneas do local. O olhar para o armazenamento e cuidado com a água demonstra novos caminhos sustentáveis para uma agricultura familiar, tais como a construção de barreiros e um estratégico sistema de cisternas de primeira e segunda água.

Essas ações favorecem a minimização das antigas práticas de uso e armazenamento da água, através de aguadas e carro-pipa, que historicamente não atendiam a uma demanda de produção desses agricultores. Na prática das aguadas, deve-se ressaltar ainda, que além de não armazenar corretamente a água, muitas vezes elas não eram construídas considerando-se o nível de evaporação do semiárido, o qual, para o município de São Domingos, por exemplo, segundo a SEI (2015), possui uma média pluviométrica anual de 600 mm. Outro fator é o fornecimento de água através de carro-pipa que, por diversas vezes, ficam os agricultores a mercê de ações políticas “questionáveis”.

Os usos dos recursos hídricos denunciam a ampla visão de sustentabilidade construída no âmbito das entidades sindicalistas. Tal visão está atrelada às práticas agrícolas que estão apoiadas na ideia de conservação da natureza. Na ótica do presidente da SINTRAF-SD:

“Hoje nós incentivamos muito o agricultor para trabalhar com a produção agroecológica, sem o uso de defensivos químicos. Mostramos como o agricultor pode tá fazendo algumas práticas de cobertura de solo, como conservar a umidade na hortaliça, e com isso economiza água. Nós também incentivamos o plantio de forragem para os animais que a gente sabe que nós vivemos em uma região semiárida, e em certos tempos nós passamos pela escassez de chuva, então o agricultor está sendo orientado para ele produzir mais essas forragens da palma. Quem tem alguns recursos hídricos que possam irrigar, sempre tem que estar protegendo o solo com o adubo orgânico, fazendo essa cobertura de solo como eu falei antes, para produzir melhor. Para quem tem água para irrigar, nós incentivamos o gotejamento. Tem uma economia muito grande de água. A

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

gente vem incentivando o agricultor e colocamos em prática essas ações para reduzir o consumo de água. Além da gente está dando esse incentivo na produção, nós fazemos a formação nas comunidades de como fazer fertilizantes naturais” (Narrativa do presidente da SINTRAF-SD, 2015).

Seguindo a lógica da narrativa acima, observa-se que o carro-chefe da concepção de sustentabilidade, proposta para a agricultura familiar do município, está ligado diretamente à Agroecologia. Essa nova perspectiva de agricultura baseia-se em uma produção pautada na sustentabilidade, o que dialoga positivamente com as atividades exercidas pelo sindicato e em conjunto com os agricultores familiares, tais como o manejo de cobertura do solo com forragem da palma para aumentar a durabilidade da umidade do solo (Figuras 02), a produção do adubo orgânico (Figuras 03 e 04), a irrigação por gotejamento e a produção de biofertilizante natural (Figuras 05 e 06).



Figura 02 – Utilização da palma forrageira para conservar a umidade no solo em comunidades rurais no município de São Domingos, 2015.

Fonte: Fotos dos arquivos de projetos aplicados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar de São Domingos (SINTRAF-SD), 2015.

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais



Figuras 03 e 04 – Produção do adubo orgânico em comunidades rurais no município de São Domingos, 2015. Fonte: Fotos dos arquivos de projetos aplicados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar de São Domingos (SINTRAF-SD), 2015.



Figuras 05 e 06 – Produção de biofertilizante natural em comunidades rurais no município de São Domingos, 2015.

Fonte: Fotos dos arquivos de projetos aplicados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar de São Domingos (SINTRAF-SD), 2015.

Tais ações articuladas e desenvolvidas pelo sindicato, para os agricultores familiares, proporcionam para eles uma nova visão de produção, tornando possível uma agricultura dialógica com o meio ambiente, mudando significativamente a própria ideia de “uso dos recursos naturais”. Reproduzir esses modos de produção agrícola a nível local gera gradativamente mudanças significativas na agricultura e no pensamento do homem do campo em relação ao próprio campo, fazendo dessa relação algo saudável e positivo para ambas as partes.

A Agroecologia, visualizada nas práticas orientadas pelo sindicato, remonta a ideia de que há uma evolução no que concerne ao modo de se perceber a natureza e suas potencialidades para uma produção agrícola sustentável. Para além dessas práticas agrícolas,

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

faz-se necessário entender a dinâmica sistêmica da natureza e seus processos de interlocução entre ação antropogênica e degradação. Desse modo, para o Presidente:

“A gente vem incentivando muito o agricultor, por exemplo, na área de pastagem, não fazer o desmatamento, e sim, o raleamento. Raleamento é o ato de não desmatar, ou seja, tirar só aquelas pequenas vegetações menores e deixar as árvores para proteger o solo. A gente vem incentivando os agricultores a fazer essa prática de raleamento da caatinga e principalmente não queimar, [...] quando acontece a queima nós produzimos até bem umas duas ou três vezes, mas depois o solo fica degradado. Então a gente vem incentivando o uso dos recursos naturais que tem na propriedade [...] a gente tem percebido nos locais que praticamos essas ações, que quanto mais deixamos as árvores na natureza, mais o solo fica úmido e adubado para a agricultura, então a gente está tentando tirar essa visão de que tem que desmatar para produzir. A gente sabe que consociar algumas culturas com árvores da caatinga é importante, como também nem só utilizar o capim enquanto alimentação animal e quanto mais árvore tiver, mais produção vai ter” (Narrativa do presidente da SINTRAF-SD, 2015).

“Nós sempre incentivamos na produção da policultura, ou rotação de cultura, pois se ficarmos na monocultura, nós estaremos seguindo a lógica do agronegócio, e nós lutamos para produzir uma agricultura agroecológica, até porque nós sabemos que cada tipo de cultura acaba deixando algum nutriente no solo que irá servir para a outra cultura que virá a ser plantada. Com essa rotação, a gente acaba tendo um controle do solo, tendo um controle das pragas também, pois quando trabalhamos com diversas culturas o risco de proliferação das pragas são menores” (Narrativa do presidente da SINTRAF-SD, 2015).

No depoimento acima, observa-se que há um olhar diferenciado das práticas adotadas anteriormente que visavam somente à produção, pois o foco central agora remete ao cuidado ambiental na produção agrícola. O conhecimento construído através da percepção cotidiana eleva a necessidade da conservação da natureza, estabelecendo assim, ligações entre os sistemas vegetacionais com os solos, tendo em vista que, para o presidente, faz-se necessário preservar a caatinga para obter a conservação do solo, bem como uma boa produção agrícola.

As novas formas de manejo do solo revelam o novo modo de pensar a agricultura, formulando assim, práticas agroecológicas onde a produção divide espaço com a vegetação natural. A ruptura do uso da queimada enquanto atividade de limpeza do terreno se torna plausível, tendo em vista que cientificamente essa atividade em médio prazo contribui negativamente para a degradação do solo, algo que já é claro para a entidade sindicalista. Outra mudança determinante é a adoção da rotação de cultura a qual visa à quebra da monocultura perpetuada pelo agronegócio. Esse fator é importante, pois uma agricultura diversificada em um único terreno contribui para amenizar os efeitos negativos no solo, aumentando assim, sua vida útil.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL, PRÁTICAS AGRÍCOLAS E USO DOS RECURSOS NATURAIS PELOS AGRICULTORES FAMILIARES

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

A ação humana no espaço geográfico é o resultado materializado de um leque de subações que determinam a real intencionalidade do sujeito para com a natureza. Os laços perceptivos historicamente construídos revelam muito mais do que uma simples prática de subsistência, mas sim, uma reformulação de saberes. Idealizar o meio em que se vive é o primeiro passo determinando para o que se irá construir enquanto práticas agrícolas. Tal visão holística da natureza pode induzir positivamente ou negativamente para a evolução ambiental do meio. Desse modo, foram narradas as seguintes concepções de meio ambiente:

“O que a gente enxerga na natureza é triste. Infelizmente, no tempo de nossos pais, de nossos avós, a natureza era outra, a gente via que quando uma pessoa matava uma árvore se plantava outra, quando desmatava uma roça só era para plantar e a outra ficava reservada, mas hoje meteram a máquina para dentro, arrancaram tudo, tudo para plantar o sisal. Os homens grandes na ambição pegaram as terras tudo para plantar sisal e os pequenos ficaram sem nada” (Narrativa da agricultora 04, 2016).

“A seca está mais forte do que antes porque não tem mais como chover porque as árvores acabaram e são elas que traz a chuva. Hoje precisamos lutar para a que caatinga seja como antes para a gente não morrer. Nós precisamos do meio ambiente para viver. Não podemos mais poluir o meio ambiente” (Narrativa da agricultora 04, 2016).

“Hoje é tudo diferente. Antigamente no meu tempo quando eu era criança as matas eram tudo caatinga cheia, e hoje a gente vê a caatinga muito pouca. O povo tomou muita atitude errada e desmatou tudo para plantar capim para o gado, mas não deu certo porque acabou com a natureza toda. E vejo a natureza como uma coisa muito importante e que tem que trazer de volta. A gente depende dela pra viver. Hoje o calor tá demais e só tem sisal e capim pra o gado” (Narrativa da agricultora 05, 2016).

A expressão de natureza percebida pelos agricultores remonta ao cenário de desequilíbrio ambiental global, o qual vem sendo intensamente discutido pelas ciências nas últimas décadas. A concepção de práticas insustentáveis utilizadas pelos familiares em tempos anteriores traz à tona a preocupação com o atual ambiente, pois é nítido que há uma noção generalizada de que o ambiente está sendo modificado e essas mudanças estão trazendo cenários ambientais preocupantes, tendo em vista que isso afeta diretamente nos modos de produção e vivência no semiárido.

Há outro fator instigante na visão dos agricultores sobre a relação holística entre os elementos ambientais. Fica evidenciado para eles que, no que concerne à retirada da cobertura vegetal da caatinga, tal processo atinge diretamente o regime pluviométrico da região, que, por sua vez, afeta a dinâmica hidrológica e, por fim, atinge a própria produção agrícola. Perceber a natureza, nesse sentido, reforça hoje a compreensão de conservação ambiental, tendo em vista que para haver uma garantia alimentar, faz-se necessário, antes de tudo, conservar o ambiente.

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

Na própria visão de natureza, trazida pelos agricultores, é posto à tona o processo histórico de “repartição da terra” e, posteriormente, os caminhos que levaram à sua degradação. Na fala da agricultora 04, fica evidente a divisão das terras sob o domínio da lógica dos “homens grandes” e os “nós”, que se configuram como os pequenos agricultores.

É denunciado na narrativa que esses tais “homens grandes” não tomaram consciência da necessidade de se preservar o meio ambiente e, para os agricultores familiares, nada restou além do que pequenas propriedades que mal se tinham terra para cultivar. Esse relato responde em parte o atual processo de degradação no ambiente semiárido. Atrelados a estas concepções de natureza que os modos de produção são construídos, para atender a uma demanda alimentícia familiar e também visando ao cuidado ambiental. Desse modo, foi evidenciado que:

“Hoje eu mudei a minha forma de plantar. Antes tinha mais feijão e milho, hoje a gente teve mudar para não ficar sem nada. A gente aduba mais a terra, molha também porque não chove mais como antes. Hoje em dia a gente ta modificando a plantação. Ano passado eu joguei produto que o foi o sindicato que nos ajudou a fazer, e esse produto serviu para deixar água na terra” (Narrativa da agricultora 03, 2016).

“A gente planta como os antigos. Nós seguimos muito os costumes de antigamente e não seguimos muito as tecnologias de hoje. Nós sempre plantamos o feijão e de milho. Antigamente a gente plantava mandioca também, mas hoje em dia tudo que planta ta morrendo. Quem molha a nossa plantação é Deus. Nós não temos nenhuma irrigação não. Não usamos nada de veneno, pois faz mal e a gente planta pra comer e não podemos botar veneno. A nossa terra também é fértil porque nós usamos o adubo animal. Eu aro a terra. Deixo a terra descansar para depois plantar. E sempre planto mais de uma coisa para aproveitar a fertilidade do solo” (Narrativa da agricultora 01, 2016).

“O Sindicato já veio aqui mostrar uns modos de plantar diferente, e deu certo. Essas atividades do sindicato melhorou a plantação de nossa roça aqui. A terra ficou mais adubada e não precisamos usar aqueles venenos que polui a terra” (Narrativa do Agricultor 09, 2016).

“O fertilizante natural foi muito bom para a plantação aqui. Se não fosse esse fertilizante a plantação ia ser pouca como antes e não ia ter muito milho e feijão pra gente” (Narrativa do agricultor 10, 2016).

“Sempre plantei na roça, eu tenho o plano safra. Eu sempre planto milho e feijão. Eu planto por conta própria, eu sempre planto o adubo dos bichos e jogo nos plantios. Eu sempre coloco adubo natural porque eu planto para comer e não coloco esses venenos que tem hoje. Eu sei que faz mal para nós e para a terra. O que sobra da plantação do milho eu jogo para as ovelhas comer e serve muito” (Narrativa da agricultora 06, 2016).

Quanto aos modos de produção familiar evidenciados nas narrativas acima, a atividade trazida pelo depoimento da agricultora 01 ainda demonstra uma agricultura tradicional e exclusivamente dependente dos recursos naturais, o que, no contexto do semiárido, essa forma de produção historicamente tem sofrido sérias perdas por conta dos

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

regimes pluviométricos irregulares durante o ano, além da formação de algumas classes predominantes, como a dos Neossolos, que possuem baixa fertilidade agrícola.

Contudo, nas demais narrativas evidencia-se uma produção com um teor maior de técnicas agroecológicas, que ajudam na formação de uma agricultura familiar ecológica e dialógica com o ambiente. A atuação do SINTRAF-SD nessa nova prática agrícola fica evidente quando traz para o agricultor essa nova forma de produzir sem ficar tão “preso” aos recursos naturais e saber extrair com sustentabilidade as potencialidades agrícolas do semiárido.

É conclusivo nos depoimentos que depender exclusivamente da natureza para produzir é algo inviável, como também inserir defensivos químicos pode agravar ainda mais o possível cenário de degradação ambiental existente. Com isso, é entendível para os agricultores que o manejo do solo, para a agricultura ou pecuária, deve ser feito de modo sustentável, trazendo práticas orgânicas que tenham êxito na produção e na conservação do ambiente. Assim, quando se pensa em produção agropecuária, observa-se a crescente retirada da cobertura vegetal, resultando em diversas consequências socioambientais. Nesse sentido, os agricultores afirmaram que:

“Ainda tenho uma caatinga lá na baixa da roça. Tem um pouco mais de uma tarefa. Eu acho a caatinga importante porque ela faz sombra para os bichos. Hoje se tivesse mais caatinga tinha mais chuva. Se fosse tudo coberto de caatinga ou nem que saiba a metade, tinha mais chuva, mas agora não tem como ter chuva em terra seca” (Narrativa da agricultora 02, 2016).

“Eu deixei umas 4 tarefa de caatinga em minha roça pois sem ela não tem chuva. A gente não precisa tirar tudo pra plantar. A gente planta capim em baixo da caatinga. Não empata para deixar as duas coisas na roça. Se deixar o capim se caatinga é pior na seca pois não vai ter nada para proteger o capim para os animais” (Narrativa da agricultora 03, 2016).

“Agora a gente tá deixando a caatinga porque chegou um técnico aqui do estado e fizeram um trabalho aqui e tirou uma área aqui na baixada e disse que era para preservar. Escolhemos lá na beira do riacho até porque achamos justo preservar o riacho e as plantas vão ajudar. A gente tem que voltar a fazer essa reserva de planta no riacho para conservar ele e para ter mais água” (Narrativa da agricultora 04, 2016).

Como forma de repensar as antigas práticas na construção de uma agricultura ecológica, os agricultores familiares afirmaram em suas narrativas a necessidade de conservar ou resgatar a caatinga que já foi retirada (Figura 07), tendo em vista a percepção de que, sem a cobertura vegetal, o próprio regime pluvial local fica comprometido, interferindo assim, na produção agrícola.

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais



Figura 07 – Área de preservação da caatinga na propriedade do agricultor 07 em comunidades rurais no município de São Domingos, 2016.

Fonte: Bismarque Lopes Pinto, 2016.

Foi constatada também a percepção dos agricultores em relação às novas formas de produzir, tais como a junção lavoura-pasto-vegetação, algo que vem sendo enfatizado como uma prática agroecológica positiva para ambas as partes, uma vez que tal tipo de produção não precisa necessariamente desmatar totalmente a caatinga para obter êxito na agricultura ou na pecuária, além da própria vegetação proteger a lavoura ou pastagem da radiação solar, bem como conservar a umidade do ambiente. A relação ambiente entre vegetação e recursos hídricos é evidenciada também nas narrativas dos agricultores:

“A caatinga tá lá preservada na cabeceira do riacho e também to deixando no lado do riacho” (Narrativa da agricultora 06, 2016).

“Eu deixo um pouco de caatinga na roça. eu deixo sempre do lado do riacho e tem uma parte pequena lá na roça que eu não tiro mais. Eu não tenho condições de deixar muita caatinga porque eu só tenho 07 tarefas de roça” (Narrativa do agricultor 09, 2016).

“O riacho de hoje tá piorando porque ta abrindo muito buraco dos lados do riacho e ele ta ficando cheio de areia. Onde tem árvore as raízes protegem e não cria esse buraco, mas onde só tem sisal ai aparece muito buraco e a terra vai para o riacho e entope ele. Como tem parte do riacho que não tem caatinga, a cada chuva abre uma erosão lá na terra” (Narrativa do agricultor 07, 2016).

Nessa reformulação da ideia de natureza dos agricultores familiares, fica perceptível a compreensão de ligação ambiental entre vegetação e recursos hídricos. Tal fator é preponderante para a conservação ambiental, tendo em vista que a permanência das matas ciliares e da vegetação em áreas de nascente contribui para o melhoramento da vazão de água no curso dos riachos.

Outro fator narrado é o cuidado para conter os processos erosivos ocasionados ao longo do rio. Já é visível para o agricultor que preservar as matas ciliares (Figura 08) ajuda a reduzir o aparecimento dos “buracos no solo”, ou seja, a erosão nas margens dos riachos, que resultam em assoreamento (Figura 09).

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais



Figura 08 – Mata ciliar do riacho em processo de recuperação na propriedade do agricultor 07 em comunidades rurais no município de São Domingos, 2016.
 Fonte: Bismarque Lopes Pinto, 2016.



Figura 09 – Riacho possivelmente degradado com plantação de sisal às margens e vestígios de assoreamento e erosão na propriedade da agricultora 01, no município de São Domingos, 2016.
 Fonte: Bismarque Lopes Pinto, 2016.

Os atuais quadros ambientais das propriedades denunciam que predominava uma visão de pura produção sem nenhum cuidado com o ambiente. Contudo, observou-se também que essa visão vem sendo substituída por práticas que minimizem a degradação em áreas já prejudicadas por conta da produção do sisal, ainda predominante no município. Contrapor essa lógica de produção do sisal significa pensar em uma agricultura familiar rentável e agroecológica para que os sujeitos não fiquem exclusivamente ligados ao ciclo do sisal e aos processos de degradação a ele relacionados.

Os modos de captação e armazenamento da água da chuva é outra questão que vem sendo discutida no âmbito do semiárido, pois entender o regime pluvial do semiárido e compreender a seca enquanto um fenômeno natural que deve ser convivido. Para tal, os agricultores têm a seguinte perspectiva:

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

“Eu só tenho os tanques e as cisternas aqui na roça para armazenar a água” (Narrativa da agricultora 01, 2016).

“Eu guardo a água da chuva com os tanques, a cisterna e um barreiro que ganhei tem pouco tempo do governo. Nunca mais me faltou água” (Narrativa da agricultora 03, 2016).

“A gente só tem a cisterna de água para beber ou outra para o plantio. A do plantio foi trazido pelo governo” (Narrativa da agricultora 04, 2016).

“A gente sabe que a seca existe aqui pra gente desde quando a terra foi feita. A gente tem que saber lidar com ela para poder viver bem. O governo e o sindicato vêm trazendo muitas formas boas de armazenar a água das trovoadas” (Narrativa da agricultora 05, 2016).

Essa nova concepção de seca apresenta uma percepção diferenciada de natureza, uma vez que, entendendo a seca enquanto algo a ser convivido, o agricultor, junto aos órgãos governamentais, se organiza para amenizar seus efeitos na produção familiar, reduzindo assim, os efeitos do desabastecimento hídrico rural.

As antigas formas de abastecimento de água como as aguadas (tanques) ainda continuam sendo utilizadas (Figura 10), porém novas técnicas vêm sendo implementadas, tais como os barreiros (Figura 11) e as cisternas (Figura 12), através do programa Água Para Todos, do Governo Federal, o qual visa ao armazenamento de água para o consumo humano e para a produção agrícola, distribuindo duas cisternas em média para cada grupo familiar.



Figura 10 – Aguada na propriedade da agricultora 01.

Fonte: Bismarque Lopes Pinto, 2016.

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais



Figura 11 – Barreiro para armazenar água da chuva na propriedade da agricultora 03 em comunidades rurais no município de São Domingos, 2016.

Fonte: Bismarque Lopes Pinto, 2016.



Figura 12 – Cisterna para armazenar água da chuva para consumo humano. Captada pelo telhado da casa da propriedade da agricultora 04 em comunidades rurais no município de São Domingos, 2016.

Fonte: Bismarque Lopes Pinto, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar os modos de produção agrícola familiar no atual contexto capitalista é desafiador. O modelo da agricultura familiar pensado pelas entidades sindicalistas segue a linha agroecológica. Contudo, faz-se necessário ampliar as atividades desse movimento para que todos os agricultores possam ter acesso a tal concepção de produção. Pensar a agricultura familiar significa aliar as necessidades básicas de subsistência alimentar dos grupos familiares aos modos agroecológicos que promovem a conservação ambiental. Para a realização de tal estrutura, faz-se necessário ampliar as ações coletivas das pequenas propriedades, reforçando a ideia de associativismo na região para que a agroecologia não fique apenas na teoria.

A percepção ambiental dos agricultores familiares vem passando por uma mudança de paradigma consistente, tendo em vista que as antigas práticas exercidas por eles ou pelos seus antecedentes não são consideradas práticas sustentáveis sob o ponto de vista

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

ambiental que, por sua vez, os levaram a uma gradativa mudança nos modos de perceber o sistema ambiental e como suas ações estavam degradando a natureza em geral.

Essa nova concepção de natureza é formulada no cotidiano de cada sujeito do campo, trazendo consigo, a própria ideia de sustentabilidade e conservação. Pensar o meio ambiente enquanto algo a ser respeitado e cuidado revela a necessidade do agricultor de reconfigurar suas práticas agrícolas atendendo não somente às suas necessidades, mas sim, fortalecendo o equilíbrio dos sistemas ambientais do seu espaço local, pois é conservando o local que se criam possibilidades de melhorar o cenário ambiental global.

Por fim, agradeço à Pós-Graduação *Lato Sensu* em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF BAIANO) e à Coordenação Geral de Educação Ambiental da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jalcione. Agroecologia: paradigma para tempos futuros ou resistência para o tempo presente? **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 29-40, 2002.

BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Programa de ação nacional de combate à desertificação e mitigação dos efeitos da seca - PAN-BRASIL**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal - MMA/Secretaria de Recursos Hídricos, 2004.

BUAINAIN, Antônio Márcio.; ROMBRO, Ademar R.; GUANZIROU, Carlos. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 312-327, 2003.

CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento Sustentável: dimensões e desafios**. Campinas: Editora Papirus, 2003.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002.

CAPORAL, Francisco Roberto. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: CAPRAL, Francisco Roberto (Org.). **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília: Editora Gervásio Paulus, 2009, p. 09-46.

CARVALHO, Luzineide Dourado. O lugar da pequena propriedade na organização do espaço agrário do semi-árido brasileiro e a sustentabilidade da agricultura familiar pela convivência. In: LOPES, Eliano Sérgio Azevedo; COSTA, José Eloízio da. **Territórios rurais e agricultura familiar no nordeste**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009. p. 69-99.

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano
Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.

INCRA/FAO. **Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto**. Projeto de cooperação técnica INCRA/FAO, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário do município de São Domingos (2004-2014)**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292895&search=bahia|sao-domingos>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

JONES, Alberto da Silva; BRESSAN, Matheus. Produção familiar, pós-modernidade e capitalismo: possibilidades da agricultura independente. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 39-45, 2000.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação e percepção ambiental. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008.

MATALLO JUNIOR, Heitor. **Desertificação**. Brasília: UNESCO, 2001.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento**. São Paulo: Editora Plêiade, 1996.

OLIVEIRA, Livia de; MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpo. Percepção, cognição, dimensão ambiental e desenvolvimento com sustentabilidade. In: VIITTE, Antonio Carlos; GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.). **Reflexões sobre Geografia física no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 129-152.

PALMA, Ivone. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento ambiental da educação ambiental**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Edinusia Moreira C.; SILVA, Onildo Araujo da; COELHO NETO, Agripino Souza. **Gente ajudando gente: o tecido associativista do território do sisal**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluralidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 99-122, 2003.

SEI, SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Informações geoambientais dos municípios da Bahia**. Salvador: SEI, 2015. Disponível em:

Percepção ambiental dos agricultores familiares e o uso dos recursos naturais do município de São Domingos – semiárido baiano

Bismarque Lopes Pinto; Gabriel Matos Lima; Juliana Araújo Santos; Marcos Paulo Souza Novais

<http://www.sei.ba.gov.br/side/consulta_frame.wsp?tmp.codpai=gr1&tmp.pesquisa=false>. Acesso em: 12 dez. 2015.

VEIGA, José Eli da. Agricultura familiar e sustentabilidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 13, n. 3, p. 383-404, 1996.

Recebido para avaliação em 29/02/2016

Aceito para publicação em 09/04/2016